OPINIÃO

O Brasil deve decidir se quer criar ou apenas consumir IA

Tulio Vinicius Duarte Christofoletti (*)

Inteligência artificial, transformação digital e inovação vêm ganhando espaço no debate sobre o futuro do país.

Em períodos eleitorais, esses temas também aparecem em discursos sobre competitividade, modernização do Estado e desenvolvimento econômico. O Brasil já tem uma Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial e, desde 2024, um Plano Brasileiro de Inteligência Artificial. O desafio, portanto, já não é apenas desenhar uma estratégia: é transformar planejamento em infraestrutura, capacidade tecnológica e execução.

A pergunta que deveria guiar qualquer gestor público que menciona IA em palanque é simples: o que você vai fazer amanhã, no primeiro dia de mandato, para que o Brasil deixe de ser só consumidor de tecnologia criada fora e passe a ser criador?

Porque o problema não é falta de talento: o Brasil tem pesquisadores de ponta, empreendedores que constroem unicórnios, ecossistemas de inovação maduros. O problema é a desconexão entre quem pesquisa, quem desenvolve, quem financia e quem compra. Enquanto não houver orquestração entre academia, setor privado, investidores e poder público, continuaremos exportando cérebros e importando soluções.

O que separa plano de execução

Transformar o Brasil em referência global de IA exige atacar três frentes ao mesmo tempo. Primeiro: a relação entre universidade e empresa precisa de regras claras. Hoje, um pesquisador que quer colaborar com o setor privado enfrenta burocracia que desestimula a parceria. Resolver isso não exige orçamento bilionário. Exige vontade política para criar marcos regulatórios que permitam à universidade pública colaborar com empresas sem medo de questionamento jurídico, e ao setor privado investir em pesquisa aplicada dentro da academia sem atravancar processos.

Segundo: infraestrutura de dados precisa estar no Brasil. Não adianta formar cientistas de dados se eles precisam alugar capacidade computacional de datacenters fora do país, com custo em dólar e latência que inviabiliza certas aplicações. O Brasil tem abundância de energia, mas não produz os equipamentos que compõem um datacenter, e poucos estados criaram zonas de incentivo para atrair essa infraestrutura. Criar condições para instalação de datacenters — incentivos fiscais, simplificação ambiental, garantia de fornecimento de energia — é política pública que qualquer governo estadual ou municipal pode implementar.

Por fim: compras públicas precisam virar alavanca de inovação. O setor jurídico brasileiro é um dos mais intensivos em conhecimento do mundo — processos intermináveis, jurisprudência complexa, burocracia em escala continental. É o ambiente perfeito para soluções de IA aplicada. Mas se o Judiciário, o Ministério Público e as Defensorias seguirem comprando sistemas genéricos por menor preço em licitações engessadas, nunca teremos empresas brasileiras desenvolvendo tecnologia de ponta para resolver esses gargalos. Quando o setor público compra inovação, ele não está só resolvendo o próprio problema: está financiando o desenvolvimento de tecnologia que depois pode ser exportada.

O laboratório que já está rodando

Enquanto o país debate, Santa Catarina age. A ACATE, representante do ecossistema de tecnologia referência no Brasil — que possui a incubadora MIDITEC, reconhecida três vezes entre as cinco melhores do mundo, e o LinkLab, hub que conecta soluções inovadoras a corporações e instituições públicas —, estruturou um novo programa para levar 10 mil empresas catarinenses a adotarem inteligência artificial como motor principal de inovação até 2031.

A ideia que guia o ACATE AI First é orquestração de ecossistema: acesso coletivo a infraestrutura de grandes modelos (tokens mais baratos, parcerias diretas com big techs), círculos de troca de experiência entre quem já está fazendo e quem está começando, comunicação filtrada para separar tendência real de ruído de mercado, e formação especializada em temas críticos como arquitetura de escala e regulamentação.

Também está sendo construído um board que convidará as principais entidades que estão trabalhando o tema de IA para orquestrar formação de talentos, pesquisa aplicada e políticas públicas de inovação em paralelo. Não é cada um fazendo sua parte isoladamente, é alinhamento de visão.

O que o gestor público pode fazer amanhã

Se você é candidato ou gestor e quer que IA seja mais do que pauta de campanha, comece por três decisões práticas:

Mapeie as entidades que já trabalham o tema no seu estado ou município. Não crie do zero. Associações empresariais, universidades, programas de aceleração, laboratórios de inovação aberta. Eles já conhecem os gargalos. Ouça, articule, remova barreiras burocráticas.

Revise as leis de compras públicas do seu ente. Identifique onde a legislação impede experimentação e proponha mudanças para permitir que o setor público compre inovação, não apenas produto pronto. Secretarias de Fazenda, Educação, Saúde — todas têm desafios que IA pode resolver, e todas podem virar clientes-âncora de startups locais.

Crie uma interlocução especializada. Se for governo estadual, fortaleça a secretaria de ciência e tecnologia. Se for prefeitura, crie um canal direto entre inovação e secretarias-fim. Decisões sobre IA não podem ficar dispersas em 15 órgãos diferentes sem coordenação.

O Brasil não precisa inventar uma estratégia de IA do zero. Precisa olhar para onde ela já está funcionando e replicar o que dá certo. Candidato que promete futuro digital precisa responder: o que você vai fazer na segunda-feira após a posse? Porque a infraestrutura para esse futuro se constrói agora, com decisões concretas, não com planos que ficam na gaveta.

(*) Vice-presidente de Ecossistema da ACATE (Associação Catarinense de Tecnologia).

Mais um estudo vê risco crescente de estouro da bolha de IA

Um relatório do Open Markets Institute, centro de estudos sediado em Washington, alerta que as chances de um estouro de bolha no setor de inteligência artificial estão aumentando devido ao forte endividamento que sustenta parte dos investimentos na área.

Vivaldo José Breternitz (*)

Wavebreakmedia_CANVA



Segundo o relatório Brace For Impact ("Prepare-se para o Impacto"), muitas empresas de IA ainda não geram receita suficiente para cobrir seus investimentos e custos crescentes. Isso resulta em endividamento, que vem sendo bancado principalmente por fundos de pensão e investidores institucionais.

O relatório afirma que o cenário apresenta semelhanças com a crise das hipotecas subprime de 2008 e alerta que um eventual colapso poderia ir além do setor de tecnologia e afetar a economia como um todo, inclusive fora dos Estados Unidos.

O estudo também critica a flexibilização regulatória promovida pelo governo de Donald Trump, argumentando que ela contribui para inflar a bolha e ampliar os riscos financeiros em caso de uma correção brusca do mercado.

Essas conclusões são compatíveis com as declarações de Elon Musk, que disse recentemente que o setor de inteligência artificial pode estar se aproximando de um período turbulento, inicialmente para as mais de 200 empresas de "neocloud", companhias cujo objetivo é praticamente apenas fornecer capacidade computacional para treinamento e operação de modelos de IA.

Musk acredita que essas empresas enfrentarão uma temporada de "mortalidade e consolidação" e que algumas delas já estão tendo dificuldades de acesso a capital, aproximando-se assim de um cenário de possível quebra, que poderia contaminar o restante da área.

A economia do Brasil, que não vive um momento brilhante, também pode ser afetada. É oportuno lembrar que nosso PIB caiu em função da crise de 2008, que gerou aqui queda das exportações, restrição de crédito internacional, desvalorização do real e queda da atividade econômica.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor, pesquisador colaborador da Faculdade de Medicina de Jundiaí e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitz@gmail.com.

News@TI

ricardosouza@netjen.com.br

NVIDIA e Oracle expandem escalabilidade da NVIDIA Vera Rubin

@A NVIDIA e a Oracle anunciam planos para expandir os Superclusters da Oracle Cloud Infrastructure (OCI) com sistemas NVIDIA Vera Rubin NVL72 para escala de vários gigawatts, atendendo à crescente demanda dos clientes por treinamento de IA, inferência e aplicações com agentes. A Oracle e a NVIDIA também expandem a colaboração em infraestrutura de IA com a disponibilidade geral das CPUs NVIDIA Vera Rubin NVL72 e NVIDIA Vera na OCI. A colaboração ampliada oferece aos clientes infraestrutura tanto para o trabalho intensivo em GPUs de treinamento e disponibilização de modelos de ponta, quanto para as tarefas intensivas em CPUs que os agentes executam entre as chamadas de modelo, incluindo a execução de ferramentas, o teste de código e a recuperação de dados. Os clientes podem dimensionar os recursos de CPU e GPU de forma independente para atender às suas cargas de trabalho, ajudando a reduzir a capacidade ociosa e a colocar mais de sua infraestrutura em uso produtivo.

Soberania Digital e IA de Peso aberto em pauta na SI 2026

@No dia 28 de novembro, quarta-feira, às 11h40, o executivo Victor Rizzo, CEO da INOV.AI e diretor de Inovação da e-Xyon, será um dos palestrantes do Fenalaw 2026, em São Paulo. Com mais de 20 anos de experiência, ele apresentará o case "L.A.I.S.: 93% de acurácia e redução de 50% nos custos na classificação de intimações com IA", com resultados que evidenciam o potencial da tecnologia para tornar a rotina jurídica mais eficiente.

Parceria com Matza leva soluções LinkedIn Talent Solutions à Pulse Mais

@A Pulse Mais, ONG dedicada à formação e à empregabilidade de jovens de baixa renda no setor de tecnologia, amplia sua parceria com a MATZA para incorporar inteligência de mercado à estratégia da instituição. A iniciativa permitirá utilizar dados sobre empresas, competências e tendências do setor para orientar decisões, fortalecer a rede de parceiros e aproximar cada vez mais a formação dos jovens das demandas do mercado. Em pouco mais de três anos, a Pulse Mais já alcançou mais de mil jovens entre 17 e 26 anos e formou mais de 240 participantes, sendo 80 somente neste ano. Com índice de retenção de 80% nos programas, a organização busca agora fortalecer a estrutura que sustenta a expansão de suas iniciativas e das conexões com empresas e profissionais de tecnologia (https://pulsemais.org.br/).

Globant expande o Glob.AI com Glob.AI OS, sistema operacional para IA corporativa

@A Globant expandiu o Glob.AI, sua plataforma de serviços nativos de Inteligência Artificial, com a chegada do Glob.AI OS, uma camada unificada para governar e adotar IA em toda a empresa, tornando a IA controlável, contextualizada e escalável. A maioria das empresas já utiliza IA em muitos lugares ao mesmo tempo: vários modelos, equipes desenvolvendo seus próprios agentes, ferramentas conectadas a dados sensíveis e gastos distribuídos entre diferentes fornecedores. O problema não é a capacidade, mas sua expansão em toda a empresa: transformar o acesso à IA em resultados de produção, com governança, responsabilização e segurança. O Glob.AI OS é a base governada por trás de cada chamada de IA, oferecendo suporte à identidade, ao gerenciamento do ciclo de vida dos agentes, à visibilidade dos custos e à auditabilidade (https://www.globant.com/).

Grupo Pitzi projeta faturamento de R$ 280 milhões em 2026 e crescimento de 40% em 2027

@O Grupo Pitzi projeta faturar R$ 280 milhões em 2026 e prevê crescimento de 40% em 2027, impulsionado pela integração de seus negócios de proteção de smartphones, assinatura de aparelhos e compra e venda de dispositivos usados. Após a fusão entre Pitzi e Renov, a companhia reorganiza sua estrutura operacional para conectar essas frentes e ampliar as oportunidades de receita e rentabilidade para seus parceiros comerciais, em um cenário marcado por mudanças nos hábitos de consumo. O Grupo Pitzi reúne três empresas com atuações complementares no mercado de smartphones: a Pitzi, especializada em proteção de aparelhos e distribuição de seguros; a Leapfone, que oferece smartphones novos e seminovos por meio de modelos de assinatura; e a Renov, especializada em trade-in, modalidade que permite aos consumidores utilizar seus aparelhos usados como parte do pagamento na aquisição de outros dispositivos (https://www.pitzi.com.br/).

HID identifica tecnologia biométrica de última geração

@A HID identifica tecnologias de identidade e biometria que definirão a próxima fase da experiência bancária e da segurança bancária ao longo de toda a jornada do cliente. Entre os destaques estão um terminal biométrico multimodal, um quiosque de autoatendimento e um caixa eletrônico, que combinam reconhecimento facial com biometria de impressão digital. Embora a biometria como um todo esteja profundamente consolidada, a combinação específica de impressão digital e reconhecimento facial no mesmo caixa eletrônico encontra-se atualmente em uma fase de ampla implantação e crescimento. No Brasil, espera-se que essa combinação desempenhe um papel cada vez mais importante no fortalecimento da segurança e na minimização de fraudes nos canais bancários físicos e digitais. Essas tecnologias reforçam a estratégia da HID de tratar a identidade como uma camada contínua ao longo do relacionamento entre bancos e clientes, desde a integração inicial do usuário até a autenticação de transações e operações em terminais de autoatendimento (www.hidglobal.com).

Auddas leva Nervoteste ao G4 Valley 2026 e desafia empresários a controlar o caos em 10 segundos

@Quanto tempo o dono de uma empresa perde resolvendo problemas que poderiam estar nas mãos de sua equipe? Essa é a provocação que a Auddas levará ao G4 Valley 2026, entre os dias 29 e 31 de outubro, no São Paulo Expo. A consultoria atua ao lado dos donos de empresas nas áreas de estratégia, governança, gestão e capital e na ocasião apresentará o Nervoteste, um desafio de reflexo e concentração no qual os participantes terão 10 segundos para tentar controlar situações de pressão semelhantes às enfrentadas na rotina empresarial. A iniciativa parte de um problema recorrente entre pequenas e médias empresas: a dependência excessiva do proprietário para decisões operacionais, aprovações, pagamentos e resolução de problemas. Segundo a Auddas, essa dificuldade aparece em mais de 73% das empresas atendidas pela consultoria, mesmo entre aquelas que já possuem equipes estruturadas.

Empresas & Negócios

José Hamilton Mancuso (1936/2017) | **Laurinda Machado Lobato (1941-2021)** | **José Leonil Lobato (1939-2026)**

Responsável: **Lilian Mancuso**

Editorias
Economia: Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br)
Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/
Espaço empresarial: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br);
Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Editoração Eletrônica:* Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes

ISSN 2595-8410

Jornal Empresas & Negócios Ltda
Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.